NICOLAS BEHR

O menino do mato que engoliu Brasília

Maria Teresa Carrión Carracedo
[*Organização e seleção*]

entrelinhas

Cuiabá, 2019

© 2019. Todos os direitos desta edição reservados para Nicolas Behr e Entrelinhas Editora.

Edição e design gráfico	Maria Teresa Carrión Carracedo
Revisão	Zeh Gustavo (textos introdutórios)
Tratamento de imagens e arte-finalização	Maike Vanni
Fotos	Acervo de Nicolas Behr
Produção gráfica	Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Behr, Nicolas
O menino do mato que engoliu Brasília / Nicolas Behr ; [organização e seleção] Maria Teresa Carrión Carracedo. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2019.

ISBN 978-85-7992-123-0

1. Poesia - Coletâneas - Literatura brasileira I. Carracedo, Maria Teresa Carrión. II. Título.

19-24204 CDD-869.108

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Coletâneas : Literatura brasileira 869.108

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Contato com o autor: paubrasilia@paubrasilia.com.br

entrelinhas

Av. Senador Metelo, 3773, Jardim Cuiabá | CEP 78030-005 | Cuiabá-MT
Tel.: (65) 3624 5294 | 3624 8711
e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br | www.entrelinhaseditora.com.br

Este livro vai para
Anatol e todos os pais
Therese e todas as mães
Miguel, Henrique e todos os irmãos
Alcina e todas as mulheres
Erik, Max, Klaus e todos os filhos
Fernando Pessoa e todos os poetas
Francisco Alvim e todos os amigos
Ana Miranda e todas as amigas
Sérgio de Sá e todos os leitores

Agradecimentos

Carlos Marcelo
Dalva de Barros
Milton Hatoum
Therese von Behr

Toda arte
é inútil.
E, por isso,
essencial.

Oscar Wilde

Reminiscências e visões de um poeta andarilho

Milton Hatoum[1]

Nicolas Behr, andarilho dos campos gerais, de Brasília e das cidades-satélites, parece seguir à risca o peregrino nietzschiano, que "nunca vende a alma ao estável, ao tranquilo, porque deseja manter-se fiel ao desconhecido, enfrentando-o com a coragem da aventura".[2]

A aventura corajosa de Behr é a poesia e seus riscos, e isso desde 1977, quando publicou *Iogurte com farinha*, um livrinho mimeografado cujo título liga dois alimentos milenares, um oriental e um indígena. Essa mistura incomum, jocosa e provocativa, tem algo a ver com o estilo da poesia de Nicolas Behr: um estilo que, de fato, se alimenta de uma mescla de vários elemen-

1 Escritor, tradutor e professor. Doutor em Teoria Literária, ensinou literatura na Universidade Federal do Amazonas e na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Estudou literatura comparada na Sorbonne, em Paris. Foi escritor residente na Yale University, na Stanford University e na Universidade da California. Publicou os romances *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do Norte* (2005), *Órfãos do Eldorado* (2008), *A noite da espera* (2017), todos pela Companhia das Letras. Amazonense, Hatoum recebeu vários dos mais importantes prêmios literários brasileiros, como Jabuti, Portugal Telecom, Grande Prêmio da Crítica/APCA, Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro. Sua obra foi traduzida em 12 línguas e publicada em 14 países. (Nota da editora).

2 CANDIDO, Antonio. *Posfácio a Nietzsche*: obras incompletas. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1983. p. 414. (Coleção Os Pensadores).

tos, de dentro e de fora da literatura, habilmente assimilados e expressados pela linguagem.

Não é fácil dizer em que consiste essa mistura, mas os leitores de grandes poetas brasileiros percebem na poesia de Behr algumas pistas trilhadas por Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade e Manoel de Barros. Logo de cara, nota-se na obra de Behr uma presença recorrente do chiste, cujo alcance e significado vai além da piada, sendo às vezes "um exercício do humor como um tipo de piada agressiva", como bem observou Davi Arrigucci Jr. num excelente ensaio sobre a poesia reflexiva de Drummond.[3]

Penso que o chiste, o epigrama, a fábula e o aforismo, em consonância com a oralidade da fala popular, filtrada pela dicção do poeta, dão o tom mais incisivo da poesia de Behr. Esses elementos aparecem na maioria dos poemas e operam como uma espécie de desconcerto até mesmo em temas elevados, em que o poeta busca uma analogia entre a infância e os seres e paisagens naturais e urbanas do cerrado.

Num dos poemas mais notáveis deste livro, um menino-andarilho parece perdido numa espécie de descaminho ou caminhada sem bússola, que pode conduzir à vida ou à morte:

duas estradas
dois caminhos

um menino

3 ARRIGUCCI JR., Davi. *Coração partido*: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 30-33.

a estrada da vida
a estrada da morte

uma indo para o sul
outra indo para o norte

não rime morte com norte
a vida não tem direção

O poeta Chico Alvim ressaltou na poesia de Behr "a ideia de situações em movimento, pois a própria caminhada do autor em direção ao mundo é fundamental".[4] Na vida sem direção, o próximo passo do andarilho é um lugar desconhecido, talvez inalcançável. Ou só alcançado pela caminhada do poeta-andarilho, movida pela imaginação e irmanada ao sentimento do exílio:

menino: destino: exílio
longe da pátria diamantina
longe da infância
refém do amanhã
rumo ao desconhecido…

A infância, plural e difusa, é metáfora do exílio, do deslocamento, da perplexidade diante de um impossível regresso às origens: um regresso que só pode ser ensaiado ou evocado através da palavra.

No ensaio *Reflexões sobre o exílio*, o pensador e crítico cultural palestino-americano Edward Said refere-se ao exílio como

4 ALVIM, Francisco. Entrevista poesia. In: MARCELO, Carlos. *Nicolas Behr:* eu engoli brasília. Brasília: Edição do autor, 2004. (Coleção Brasilienses, v. 1).

> uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o Eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás, e para sempre […]. Mesmo os que não são exilados podem sentir o exílio como uma condição de estar fora do seu lugar, em permanente deslocamento.[54]

Nesta coletânea, Nicolas Behr evoca esse exílio interior, cujo centro é a infância. Mais exato seria dizer infâncias: "nascentes onde minam as lembranças". Ou, como ele indaga num poema: "quantos meninos correm dentro de mim?"

Essas nascentes, recortes líricos "do chão da memória", aludem a três momentos ou passagens da vida do menino: o de Diamantino, o de Cuiabá e o de Brasília (candango). Juntos, mas aludindo a tempos e lugares distintos, eles formam a base da lírica de Behr. Aqui, a memória é, mais uma vez, a musa tutelar da poesia, em cuja forma prevalece o poema breve sobre o poema narrativo, de haste longa, que flerta com a prosa. À variedade métrica corresponde uma variedade no tom, que vai do humor e da paródia ao sarcasmo, e a uma nostalgia amarga, que não se esgota na saudade. A ironia (e a autoironia, com frequência mordaz) é um traço estilístico em muitos poemas, como se lê em "A lenda do menino lambari":

> cinquenta poemas
> para fazer uma canoa
> e mesmo assim afundar

5 Ver nesse sentido: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Na composição formal da poesia de Behr, o sujeito lírico opera com indagações, dúvidas e desconfiança, numa incessante sondagem do passado, que reverbera no presente e reflete no espelho do tempo sentimentos, lembranças e elementos da natureza:

> o rio dentro
> do rio de pedra
> é como uma saudade dentro de uma saudade
> encaixando uma lembrança
> dentro de outra lembrança

Poeta da memória, mas também poeta visual, Behr circula por lugares de Brasília e do cerrado, detendo seu olhar numa casa antiga, num edifício abandonado, num rio, num passeante ou superquadra da capital ou nas paisagens dos campos gerais. Paisagens e seres, mesmo quando vistos a distância, são parte constitutiva da experiência do poeta e são assimilados pela poesia, pois participam de um modo articulado da interioridade do sujeito lírico. Nesse sentido, natureza e sentimento formam um corpo único, material e anímico, e adquirem vida num movimento de dentro para fora: "dentro de mim / vive uma árvore / árvore interior / que me põe de pé".

A relação de Behr com a natureza é atávica: ela pode vir de um tempo anterior ao da infância, cuja origem nebulosa aponta para o mito: "o menino que fui / não sou eu, / é outro menino, / mais antigo, / que veio antes de mim".

As fotografias deste livro, tiradas de um álbum de família, revelam que animais e plantas são também seres íntimos, familiares, indissociáveis da vida do "menino diamantino" e misteriosos como a própria natureza e nós mesmos. Não há traços de bucolismo nem de ilusões nessa relação afetiva com a natureza. No

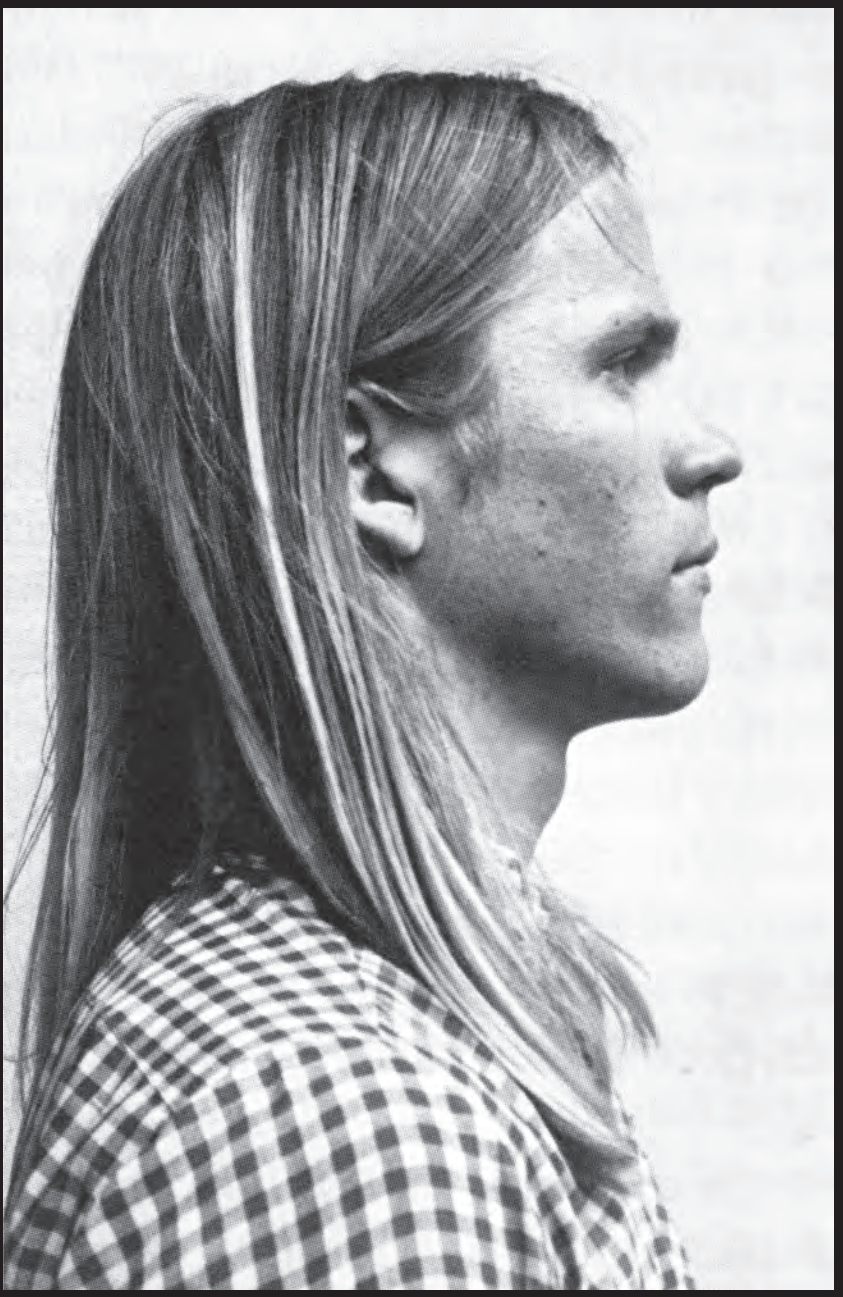
poema da página 50 – "Aqui estou, casa em ruínas" –, o olhar do menino diamantino, agora adulto, reflete sobre a passagem ruinosa do tempo. A presença reiterada do sujeito lírico ("aqui estou") começa na casa arruinada, e os versos seguintes enumeram uma sequência de imagens e registros negativos, que evocam um mundo destruído ou degradado, em que tudo (natureza, seres e coisas) precipita-se para o "vazio n'alma", a morte, o esquecimento, a extinção. O sobrevivente é o poeta, cujo corpo deposto, exposto e quase nu revela a ferida cicatrizada.

A forma da poesia de Behr é simples apenas na aparência. Os versos livres, marcadamente prosaicos e despojados de qualquer adorno beletrista, misturam coisas díspares: do mais abjeto, estranho e jocoso ao mais sério, aderindo, assim, a uma atitude libertária herdada do romantismo, que tanto fascinou nossos poetas modernistas e ainda fascina artistas contemporâneos. Mas essa aparente simplicidade não significa desleixo nem qualquer tipo de negligência com a linguagem. Ao contrário: há um trabalho minucioso e exaustivo na poesia de Nicolas Behr. No "Braxília", lemos:

> assim como brasília,
> o poema é lógico, planejado, racional

Talvez haja nesses versos uma ponta de ironia; em todo caso, eles lembram os princípios da feitura poética de João Cabral de Melo Neto no ensaio *Poesia e composição*, no qual o poeta pernambucano opõe a inspiração ao "trabalho de arte". Com ou sem ironia, o fato é que a qualidade de um poema depende de sua elaboração estética e força simbólica. Nas reminiscências e visões de Diamantino, Cuiabá e Brasília, o mais antigo e o mais moderno transcendem traços localistas, pitorescos, e imprimem na arqui-

tetura dos poemas um valor simbólico, capaz de tecer correspondências com algo mais geral e profundo. Este é o porto de chegada do andarilho Nicolas Behr, um dos poetas mais representativos de sua geração.



Juan Pratginestos

Nicolas Behr aos 20 anos, em 1978

REMINISCÊNCIAS E VISÕES
DE UM POETA ANDARILHO
Milton Hatoum 9

OS MENINOS
Maria Teresa Carrión Carracedo 27

ÍMPETO DE FOGUETE
Carlos Marcelo 37

MENINO DIAMANTINO, 115
Cometa poesia 117
A missa 118
O cristo na cruz de bicicleta 120
Daqui vejo a casa da fazenda 121
De garimpo, palavras e lavras 122
Na imaginação do menino 122
Demoliram minha infância 123
Essa rua sempre foi minha! 124
Menino: destino: exílio 125
Aqui na beira 125
Fúria de menino 126
Havia, do verbo sofrer 127
Indumentária de guerreiro 128
Menino pobre 129
Meus olhos: molhe-os 130
Morreu 131
No dicionário 132
Poesia se faz 132
Minhoca tem coração? 133
A casa em Amolar 134

No cemitério 135
O menino puro pulou o muro 136
O rio dentro do rio de pedra 137
O mundo visto de cima do curral 138
Ribeirão do ouro 140
O menino que fui 141
Garimpar lembranças 142
Faltou sentir o quê? 143
Cinquenta anos 144
Escrever um poema 145
Pronto 146
Infância é não-lugar 147
Dever de casa 147
Desabutino, diamantino 148
Encontramos ouro muito ouro 149
Duas estradas 150
Menino intrigado 151
Lambari é um tipo 152
A criança ferida se revolta 153
Olha eu olha eu 154
A mãe campeia dores 155
Os poemas 156
Os ombros 157
Do infinito até diamantino 158
A infância 159
Tirei todos 160
Do encontro de dois rios 161
Nabor 162
Fui em busca do meu tesouro 163
É verdade que dentro de todo adulto 164
Velha infância 165

Amanhece em diamantino 166
O barranco é um livro 168
Vendo minha infância 169
Saudade é um sentimento 170
Dona nilde 171
Navios negreiros 171
Quando voltei 172
Sem flores 173
Eu voltei para nunca mais 174
Dona nilde no céu 176
Cheguei bem perto 177
A primeira morte 178
O pai berra e no filho nascem chifres 179

MENINO DE CUIABÁ, 181
Atravessa da Guia 183
Cidade verde 183
Pelas ruas esburacadas do amor 184
Marina 184
Autorretrato 185
Anti-manual de Barros 185
A televisão chegou 186
Apolo 111 186
Bicicleta nova 187
Gíria futura 187
Biografia 188
Bullying? 188
Ditadura 189
Não me lembro 189
Iniciação no rio Coxipó 190
Calor cuiabano 190

Manga 191
Oitizeiros 191
Poeta menor 192
Pantanal 194
Quem vai pro cornice? 195
Rampas da Escola Técnica 196
Se essa rua fosse minha... 196
Ser ou não ser? 197
Terreno baldio 197
Tirando de letra 198
O que você vai ser quando crescer? 198
Travessa da Guia, 596 199
Que rua é essa? 199
Lucia Palma 200
Milagre 200
Visita 201
Poema cuiabano 201
William Paes de Barros 202
Minha Cuiabá 203
Abílio 204
Fernando Cuiabano Pessoa 204
Quem disse? 205
Rebeldia 205
Inocência 205
Becos viram bocas 206
Bike 206
Catedral 207
De como não morri e continuei vivo 208
Cuiabá invisível 209
Cuiabá antiga 210
Cuiabá hoje 210

Cuiabá amanhã 210
Geólogo 211
Unhas 211
Ode à bicicleta (a vida sem freios) 212
Pera, uva ou maçã? 213
My mother is the teacher 213
Prainha 214
Velha Cuiabá 214
Quatro de outubro de 1970 (domingo) 215
Várzea longe 216
Boletim 216
Caderno de 7 matérias 217
Como tudo começou 217
Livro-alma-da-casa-rica 218
Indumentária 218
Ruas 219
O possessivo 219
Picolé de groselha 220
Rodas da paz 220
Adolescência 221
O tempo 221
Brasília 221

MENINO CANDANGO, 223
Estou começando a perder 225
De dia corro com meus medos 225
Receita 226
Confessionário 227
O seio como parte da boca 228
A poesia fácil 228
Enfim 229

Poema da boca 230
Plantar teus seios 232
A língua áspera do bloco 233
O eu ridículo e outros eus 234
Como toda cidade mítica 236
Bem, o sr. já nos mostrou 236
Brasília nasceu de um gesto primário 237
E então jk ordenou ao sumo-sacerdote 237
Blocos, eixos 238
Política literária 239
Minha poesia 240
Os três poderes 241
SQS ou SOS? 241
Plano pilotis 242
Nossa senhora do cerrado 242
Vozes do cerrado 243
Eu abro a porta do quarto 243
Subo aos céus 244
Um poeta como nicolas behr 245
A superquadra 246
Brasília é a incapacidade 246
Assim cantavam 247
Desço aos infernos 248
Antes de construir aqui 248
Evangelho da realidade 249
Na quinta-feira 249
Aqui não havia nada 250
Alô? eu queria falar com a substituta da assistente 250
Unhas postiças 251
Pra que servem as unhas? 252
Pra que unhas 253

Sem nervo 253
Unhas 254
Dentro de mim 255
Derrubei sim cortei 256
Nem tudo que é torto 257
Neva amarelo sobre os ipês 258
O flamboyant 258
Sair de mim e virar árvore 259
Sim, sou árvore 260
Corte essa árvore! 261
Os fazedores de desertos 261
Por que sempre a flor? 262
Meu maior sonho 262
Arborizar o poema 263
Nós que somos livres 264
Sou 265
Sou um bicho 266
Viva a poesia que liberta! 266
Quando terminei 267
Quando minha veia poética 268
O guardador de carros 269
Palavra-amiga, poema salva-vidas 270
Jk voltará glorioso 271
Toca a marcha fúnebre de chopin 272
A última coisa 272
Eu engoli brasília 273
Aqui estou 273

POEMAS SELECIONADOS [por livro, em sua 1ª edição] 280

OBRAS DO AUTOR 283

Os meninos

Maria Teresa Carrión Carracedo[1]

Conheci Nicolas Behr (1958) em 2016, em uma de suas muitas viagens a Cuiabá e Diamantino. A visão daquele homem grande, de cabelos longos e louros, muito falante, contrastava com a impressão que tive de estar diante de menino ansioso, com o olhar faiscante... Dele eu já tinha recebido, pelos Correios, alguns livros, cartões com imagens de aves pintadas por Therese von Behr, sua mãe, e alguns bilhetes. Em estado de total atenção, eu só percebia o 'menino' no lugar da imponente figura tropicalista. E como filha de migrantes espanhóis que chegaram a terras desconhecidas na década de 1960, quis saber mais sobre a vida e a poesia desse filho de migrantes dos países bálticos – descendentes de alemães em fuga dos comunistas soviéticos durante a II Grande Guerra. Sua mãe, Therese, nasceu na Lituânia em 1930 e seu pai, Anatol, na Estônia, em 1926.

Li muitos dos seus livros, que ele gentilmente me enviou pelos Correios. *A lenda do menino lambari*, *Menino diamantino* e *Eu engoli brasília* confirmaram minhas percepções e conheci melhor

1 Editora, organizadora e responsável pela seleção de poemas deste livro. É jornalista e designer gráfico-editorial; licenciada em Geografia pela UFMT (1989); bacharel em Propaganda e Marketing pela Universidade de Cuiabá, Unic (2004); *máster en Edición*, pela Universidade de Salamanca, Espanha (2010); editora da Entrelinhas desde a sua fundação, em 1993.